

A P L E B E

PERIODICO LIBERTARIO

FUNDADO EM 17-4-1917

Redator-Gerente: RODOLFO FELIPE

Redação e administração
AVENIDA RANGEL PESTANA N.º 201
(Antiga Ladeira do Carmo, 9)

ASSINATURAS:
Numero avulsos \$200 -- Semestre \$5000
Ano 10000 -- Pacote: 12 exemplares 25000

Toda correspondência, vales e registros
devem ser endereçados a Rodolfo Felipe
CAIXA POSTAL 195 - S. Paulo (Brasil)

A P R O C L A M A Ç Ã O D A C O M U N A

A proclamação da Comuna foi esplendida. Não era a festa do poder, mas a cerimonia do sacrificio: Sentia-se que os eleitos eram votados ao martirio e á morte. A tarde de 28 de Março, sob um sol magnifico que recordava a aurora de 18, o 7 Germinal, ano 29 da Republica, o povo de Paris, que a 26 havia elegido a propria Comuna, inaugurou a sua estrada no Palacio da Cidade. Um vasto oceano humano em arrem, as baionetas em riste e espessas como um campo de espigas; o clangor dos clarins e os tambores que ruflavam em surdina, o bater dos dois calzas inimitaveis de Montmartre, aqueles momentos que na noite em que entraram os prussianos acordaram Paris: as baionetas expectrantes e os seus punhos de aço evocavam seus estranhos. Mas desta vez os almas estavam

mudos: o pesadô trouxer dos canhões, em intervalos compassados e regulares, saudavam a Revolução. E as baionetas se abaxavam ante a bandeira vermelha dos comaneiros, que em grupo circundavam a estatuas da Republica. Ao alto um grande pendão vermelho. Os batalhões de Montmartre, Belleville e La Chapelle trazem as suas bandeiras nos barretes frígidos: Dir-se-lam reclutas de 93. As baionetas cada vez mais compactas ocupavam tambem as ruas laterais; a praça estava repleta, semelhante a um campo de grão. Qual seria a messe? Toda Paris em pé: os canhões, a intervalos, fazem ouvir os seus



Luiza Michel, LA VIERGE ROUGE, uma das heroínas da Comuna

estampidos. Numa tribuna está o Comité Central: em frente os membros da Comuna, todos com faixa vermelha. Poucas palavras entre um tiro e outro da artilharia. O Comité declara findo o seu mandato e entrega o poder á Comuna. Faz-se um apelo aos eleitos. Um clamor enorme se eleva: "Viva a Comuna!" Os tambores batem o sinal de combate, os canhões rompem os raios do sol. — Em nome do povo — disse Ravvier — foi proclamada a Comuna! Tudo foi grandioso neste prologo da Comuna: a morte devia consagrá-lhe a apoteose. Nada de discursos: mas um só grito, imenso e retumbante: Viva a Comuna!

Todas as bandas de musica tocavam a "Marselheza" e o "Canto da partida". Um furacão de vozes repetem-lhe o estribilho. Muitos velhos abaxam a cabeça: Dir-se-lia que ouviam a voz dos martires da liberdade. São homens de Junho e de Dezembro, alguns já todos brancos, outros de 1830, Mabile, Malezieux, Cayol. O unico poder que poderia ter feito qualquer coisa era a Comuna, composta de homens de intelligencia, de coragem, de honestidade a toda a prova, de devoção e de energia. Mas o poder os manietou, não lhes deixando senão a sua indomavel vontade para o sacrificio: souberam morrer heróicamente. Todo poder traz em si o germen da destruição. Por isto mesmo é que eu sou anarquista. LUIZA MICHEL

"PARA ONDE VAMOS?"

Um matutino, desta Capital, em sua edição de 10 do corrente, comentando a situação creada pela experiencia revolucionaria de 30, cujos arautos andam por aí a dar cabeçadas nas paredes á procura do famoso "espírito revolucionario, diz o seguinte: "A situação em 35 é muito mais grave do que o era em 30. A intranquillidade hoje reinante de norte a sul, do Amazonas ao Prata, poderá trazer-nos surpresas desagradaveis. Em 30, apalpando a agitação que sacudia o Brasil, sabiamos, com toda certeza, que marchavamos para a revolução. Hoje, depois da revolução, e vendo que o mal-estar continua mais forte do que nunca, para onde vamos? Quem nos sabe dizer para onde vamos?" Essa mesma interrogação fazem todos os conservadores, os conformistas, os rotineiros, e principalmente os homens de Estado, em todas as partes do mundo. E' indissfarçavel a inquietação daqueles que tem interesses ligados ao trambolho do edificio capitalista, que arrasta a carcassa ao impulso dos bandos de mercenarios que lhe emprestam uma força calculada nos interesses creados ou explorada no fanatismo de sentimentos tarados. O desequilíbrio produzido entre o capital e o trabalho atingiu o grau maximo da tensão e ameaça explodir com uma violencia que será tanto mais forte quanto maiores forem os obstaculos que se opoem ao curso normal da revolução social que ha de nivelar as classes e porá á disposição de todos os seres humanos, em iguais condições para todos, os beneficios da riqueza social produzida pelo trabalho do homem ou imaginada pelo cerebro do cientista. Mas nós, os trabalhadores, os estudantes dos problemas sociais, sabemos para onde vamos. Em 30, como bem acentua o jornal em questão, sabia-se que temos para a revolução. Feita a revolução, que encontramos uma grande parte do povo brasileiro de braços abertos, porque, efetivamente, seria absurdo pensar-se que os responsáveis pelo movimento revolucionario incidissem, depois, nos mesmos erros que motivaram aquele movimento; comprovado, apalpado e experimentado o regime que a revolução implantou no país, chegou-se á conclusão de que a revolução foi um grande mal, foi um crime, foi um desastre para o país.

Sim, realmente assim foi. Em 30 sabia-se que iam para uma revolução que apresentou como bandeira uma serie de reivindicações morais e economicas, um postulado de liberdade que permitiam e justificavam a simpatia mesmo daqueles que sabem que no bojo das revoluções politicas vem sempre o principio de autoridade, a forja de novas algemas. Mas nada do que prometeram os revolucionarios foi cumprido. As promessas foram transformadas em meios de repressão e de autoritarismo para sufocar os protestos das classes trabalhistas que se viram traídas, vilempendiadas, enganadas. A solução do problema social não está nessas revoluções feitas com a intriga dos politicos e fermentadas com as explorações que os aproveitadores fazem com a miseria dos trabalhadores. Nós sabemos para onde vamos. A proposito, citamos, para terminar, um trecho do "Evangelho da Hora", de Paulo Berthelot: "12 Mas alguém disse então para o experimentar: — "A Sociedade futura será filha da violencia." 13 Elle disse: — "Nenhuma mulher pare sem esforço — mas a criança nasce quando chegou a sua hora." 14 "A Sociedade futura é semelhante a um pintainho na sua casca — tem que a despedaçar com violencia, sem o que não poderia sair." 15 "Mas não foi a violencia que fez nascer o pintainho — mas sim o germe e o nutrimento que no ovo existia." 16 "Graças á casca pôde ele desenvolver-se e ganhar força — mas agora ela é um obstaculo á nova forma de vida." 17 "E por isso ele quebra a casca que o sufoca — e deixa expostos os fragmentos inúteis." 18 Disse também: — "A Sociedade futura é ainda semelhante a um grande rio — quando depois das chuvas começa a enfiar." 19 "As arvores e os cipós das insuas obstruem-lhe o curso — e a areia forma-lhe barragens através do leito." 20 "Então as aguas acumulam-se por trás desse estorvo que as detém — e parece que o rio deixa de correr." 21 "Mas subitamente desaba esse dique, partem-se as arvores, a areia dispersa-se — e as aguas,

A Comuna de Paris

Comemorando o feito historico de 17 de Março de 1871, na França, que repercutiu de uma forma decisiva na formação da mentalidade do século XIX, e que repercutiu ainda no espirito dos sociologos e pensadores modernos, realizar-se-á hoje, ás 20 horas, no Salão da Rua Quintino Bocaiuva, 80, uma conferencia de J. Carlos Boscolo, sobre o seguinte tema: "COMUNAS - LIBERTARIAS" Essa conferencia é promovida pela Federação Operaria de S. Paulo, e nela tomarão parte, além do conferencista, varios oradores pertencentes ao quadro de militantes daquela organização proletaria. O ato comemorativo de A Comuna de Paris, requer a presença de todos os estudiosos dos problemas sociais, principalmente agora quando as forças reacionarias da burguesia pretendem desvirtuar aquêl feito historico em que os anarquistas tomaram parte saliente. ENTRADA FRANCA. precipitam-se com impetuosa violencia. 22 "E esta violencia é necessaria, porque o rio não pode deixar de correr — e baldada tentativa é deter a corrente gaudiosa." 23 "Mas não foi a violencia que fez crescer e avolumar-se o rio — mas sim as grandes chuvas que caíram, e a propria barragem."

Contra a "LEI MONSTRO"

Os protestos contra a lei monstro se avolumam de tal forma, de tal maneira se tem manifestado a opinião pública do país contra essa ameaça de cerceamento de todas as liberdades, que parece incrível haja homens com descaramento bastante para não sentir o peso da responsabilidade que a sua teimosia poderá acarretar. Aos protestos da população civil, manifestados em todos os ramos de atividade, juntou-se a expressiva manifestação dos militares que, em varias reuniões do Clube Militar, fizeram tambem sentir o seu não apoio a Lei de Segurança Nacional. Foi um gesto digno de aplausos o desse punhado de bravos officiais que demonstraram não estarem destituídos de sentimentos e que fizeram sentir as suas qualidades de seres pensantes que guardam o senso das responsabilidades coletivas. E' inútil procurar-se abafar o sentimento de aversão á lei monstro nesse punhado de bravos militares, em nome da disciplina, que pretende obrigá-los a defenderem os privilegios da politica que ameaça, com uma lei gestada pela intriga clerical-fascista, amordaçar as manifestações do pensamento e destruir os principios liberais. A população civil, indezisa, não poderá recuar que os fuzis do exercito brasileiro se prestem a fazer-lhe engulir, á força, a hostia amarga de uma estupidez engendrada pelos politicos que, agarrados ao osso do poder, pretendem transformar um mandato que não representa a vontade popular, antes, é filho do voto engendrado no ventre do profissionalismo politico, em veiculo de opressão e tirania. E se isso acontecesse, o povo teria o direito e o dever de sacrificar-se pelas liberdades que custaram a vida a muitos brasileiros dignos de figurar, como figuram, na historia das conquistas e reivindicações humanas. Não é possivel que para atender ás imposições do capitalismo estrangeiro e da burguesia nacional, que vêem fantasmas vermelhos em todas as manifestações de consciência e de justiça, os homens livres do Brasil permitam que se transplantem para cá os exotismos das leis que caracterizam as ditaduras de nefasta experiencia na Italia, na Alemanha e Portugal. Que a Lei de Segurança Nacional,

se fór votada, — e o será porque assim o querem os mandões do momento — vem ferir os sentimentos livres do povo, as tradições liberais do Brasil, não resta duvida. São não protestaram ainda contra essa ameaça de opressão e arrocho os que tem interesses a defender e sabem que os seus atos não poderão resistir á análise critica da opinião pública: os politicos da situação, os clericais que querem fazer engulir o ensino religioso, e os representantes das empresas estrangeiras que não querem ver diminuídos os dividendos dos seus balanços lucrativos. Todas as outras classes, a imprensa, as associações profissionais, os sindicatos operarios, e as classes militares, todos tem demonstrado, com protestos e reuniões, que não estão dispostos a entregar os pulsos ao verdugo. Estilhaços... "Os defensores da lei" Na rua Quintino Bocaiuva, um agente de policia mata um guarda civil, a tiros — Um inspector de policia agride a tiros um guarda do Horto Florestal — Audacioso roubo praticado na Drogeria Morse, por um ex-delegado de policia... (Dos jornais) Com gente desta lida a burguesia Furma seus pedestais de mercenarios. Vai busca-los aos meios salafrrarios, As tabernas do vicio e da sacristias. São ladrões e assassinos, são rufias, Malandros, "carteiristas", bagunçeiros, Cabos eleitorais e cangaceiros, Soldos da estequeira e das folias, Que na rua massacraram proletarios Servindo ao Capital, a Deus e ao Rei, Ao patriotismo e a outros nomes varias E á podridão inútil de tal prei Chamam da burguesia os serventurarios Pomposamente os defensores da Lei... Frel João Sem Culadado

A ANARQUIA

A anarquia, como sistema socialista sem governo, tem uma origem dupla: é o resultado dos grandes progressos do pensamento no campo econômico-político que caracterizam o nosso século, e caracterizam especialmente a segunda metade do século passado.

Os anarquistas proclamam que a propriedade individual da terra, do capital e dos instrumentos do trabalho já passou da moda, que está condenada a desaparecer e que todos esses elementos de produção devem e hão de ser propriedade comum da sociedade, ficando a sua administração a cargo dos produtores da riqueza, e sustentam que o ideal da organização da sociedade é um estado de coisas em que as funções do governo desapareçam, recuperando o indivíduo a sua plena liberdade de ação para satisfazer as várias necessidades do ser humano, por meio de grupos livres e federações de grupos, livremente constituídos.

Enquanto ao socialismo, os anarquistas vão até a sua última consequência que consiste no comunismo, a negação completa do salarido.

Com relação à organização política, substituindo o programa dos radicais de todos os partidos políticos concluem que o último fim da sociedade é a anulação da autoridade e a constituição de uma sociedade anárquica, isto é, sem governo.

Os anarquistas sustentam mais, que sendo este o ideal da organização social e política, não deve adiar-se para os séculos futuros, e que só podem oferecer probabilidades de vida os movimentos da organização social que estejam em concordância com aquele ideal e que se aproximem dele, pois que necessariamente serão proficuos à comunidade.

O método que o pensador anarquista segue, difere muito do método dos utopistas.

O anarquista não recorre aos conceitos metafísicos, como os direitos naturais, os direitos do Estado, etc., para dizer quais são, em sua opinião, as melhores condições para realizar a maior felicidade do gênero humano, mas sim ao curso traçado pela moderna filosofia da evolução, desviando-se do caminho resvalado das analogias, a que, com tanta frequência recorreu Spencer. O anarquista estuda a sociedade humana tal como é hoje, e como foi no passado, e sem atribuir à humanidade, no seu conjunto, ou aos indivíduos em particular, qualidades superiores, que nem uma nem outros possuem, considera unicamente a sociedade como um agregado de organismos que procuram o melhor modo de combinar as necessidades do indivíduo com as da coletividade para o bem estar da espécie.

Um dos principais rasgos do último século foi o incremento do anarquismo e a rápida propagação das idéias anarquistas entre as classes trabalhadoras. Nos últimos setenta anos efetuou-se um aumento considerável das nossas forças produtoras, do que resultou uma considerável acumulação de riquezas, superior até, às esperanças dos mais otimistas. Mas devido ao sistema de salários, este aumento

de riqueza obtido pelos esforços combinados dos homens de ciência, dos empreiteiros e dos trabalhadores, dão como resultado a sua acumulação inaudita nas mãos dos possuidores do capital, enquanto que os produtores apenas lucraram um aumento incessante de miséria, e uma irregularidade constante no modo de ganhar a vida. Os jornaleiros abismaram-se numa indigência espantosa, e até os melhores artistas e os operários mais habéis, que sem dúvida vivem melhor atualmente que em outros tempos, estão em riscos de cair na mesma situação dos jornaleiros, arrastados pelas contínuas e inevitáveis flutuações da indústria e pelos caprichos do capital. O abismo que medeia entre o moderno milionário, que estragancia em luxos vãos e faustosos o produto do trabalho humano, e o pobre que se vê reduzido a uma existência mísera e incerta, vai afundando-se cada vez mais, e ha-de terminar, rompendo por completo a união da sociedade, a harmonia da sua vida, pondo em perigo o seu futuro progresso. Ao mesmo tempo, as classes trabalhadoras estão menos dispostas a sofrer com paciência a divisão da sociedade em duas classes, à medida que vão adquirindo a consciência da força produtora de riquezas da indústria moderna, e da parte que corresponde ao trabalho na própria capacidade organizadora; à medida que todas as classes da comunidade ganham mais vivo interesse pelos assuntos públicos, e que os conhecimentos penetram no cérebro das massas, a sua aspiração à igualdade é cada vez mais intensa, e ninguém ignora que cada dia redobra a ansiedade com que os trabalhadores reclamam uma completa reorganização social. O trabalhador exige a parte que lhe corresponde nas riquezas que produz, quer participar da distribuição dos produtos, e reclama, não já um pouco mais de bem estar, mas o seu completo e cabal direito aos mais elevados gosos da ciência e da arte. Estas reclamações, que anteriormente apenas eram proferidas por poucos, ouvem-se já partir de um número cada vez mais crescido dos que trabalham na fabrica ou lavram a terra, e estão essencialmente conformes com os verdadeiros sentimentos da justiça.

Assim se converte o anarquismo em idéia mãe do século XIX, e nem a coação nem as falsas reformas serão suficientes para impedir o seu desenvolvimento ulterior.

Pedro Kropotkine

Pontos de vista...

Recebemos o seguinte artigo, assinado por Um discípulo de Platão, que permite aos leitores de "A Plebe", a título de exercício, fazer algumas considerações em torno do ponto de vista deste nosso colaborador.

Tomando-se, por exemplo, como tema a frase — Nada temos que aprender com as formigas, com as abelhas ou com os pinguins — encontraríamos bastantes motivos para discutir.

Fica aberta a premissa, inaugurando a seção Pontos de Vista..., que não irá além de uma coluna.

PONTO DE VISTA PRECIOSO

A sociedade humana foi estabelecida nas bases erradas da competição, da luta, quando, espiritualmente, deveria ser fundada sobre o acordo mútuo, a harmonia, como ensinaram todos os lumináres do pensamento.

E para justificarmos o nosso erro procuramos o exemplo dos seres inferiores.

Ora, se olhamos para baixo é claro que só veremos lutas e competições, porque a ignorância, o puro instinto animal só permite à esses seres seguirem à voz instintiva da sua força, destinada a lhes assegurar a subsistência e garantir a conservação da espécie.

Deveríamos, antes, olhar para cima, pesquisando sempre o exemplo dos seres superiores, pois só deles podemos esperar melhoramentos. Nada temos que aprender com as formigas, com as abelhas ou com os pinguins... todos abaixo de nós na ordem natural, mas sim com aqueles espíritos luminosos como Sócrates, Rousseau e Tolstói, que nos indicam a verdadeira Ordem Social do futuro, baseada na Liberdade para tudo, excepto para o crime, que não terá razão de ser, porque o indivíduo terá as suas necessidades satisfeitas na distribuição igualitária e na cooperação fraternal para o bem comum.

Um discípulo de Platão

Os nossos Livros

"NANCY — LA DE LOS OJOS PARDOS" — Georges Conordo — Montevideo

O autor deste livro pretendeu fazer uma novela, e o conseguiu, dando forma a um registro de figuras que nos passam a cada instante pelos olhos, que encontramos na rua, no café, no teatro, na vida.

Nancy, "uma chica que tem a su haber 16 abrilles, muy modesta, porque en ese periodo no tenía noición de nada que significava vanidad o altanería, pues su escasa instrucción era una consecuencia de vivir alejada de todo contacto social", entra na contextura da obra para plasmar uma atitude de vítima do meio social em que vivemos, fruto do choque de interesses do capitalismo.

Fruta apetitosa da coíba dos homens femeceiros, Nancy, querendo auxiliar a manutenção da casa de seus pais, não conseguiu trabalhar, porque em todas as partes onde se apresentava, ao cabo de poucos dias ficava colocada entre dois dilemas terríveis: subir, ganhar posição cedendo aos desejos, às vezes degeneradas manifestações de temperamentos viciosos, dos chefes, ou forçada a abandonar o trabalho por não poder suportar os maus tratos, as impertinências consequentes do despeito que as suas atitudes honestas provocavam.

E uma noite de carnaval, perdida na voragem dos delírios perfumados, Nancy caiu. Caiu é o termo, porque daí por diante, Nancy torna-se uma presa disputada pelas traficantes de amor que negociam a sua mercadoria dando estalinhos canhalhas com a língua ou revirando os olhos com atitudes ensaiadas de deboche.

Depois, todos os horrores da sociedade burguesa Nancy provou. Miséria, vergonha, prostituição.

E não se prostituiu. Passa por tudo isso como a salamandra pelo fogo sem se queimar.

Parece até que sai mais pura, porque ao cabo, como que uma recompensa ao seu martírio, Nancy encontra um moço bom que por ela se apaixonou e a faz sua esposa.

O que a obra tem de boas intenções, de sentimento, falta-lhe de lógica e de verdade científica.

A tese é humana, mas arriscada, tanto mais que nenhuma força idealista, nenhum princípio elevado inspira a sua personagem a subrepor-se ao ambiente de lodo que a cerca e arrasta.

Valha, porém, a intenção do autor que, num estilo poético e romântico, faz nascer num pantanal de lama e vício, de crime e vergonha, de miséria física e moral, uma flor de pureza rutilante e imaculada.

"EL FANATISMO RELIGIOSO" — Carlos Brandt — 2ª edição Editorial Símbolo - Rosario - R. Argentina.

Andou bem a Editorial Símbolo em publicar "El fanatismo religioso — análisis crítico de la Biblia" — do sr. Carlos Brandt. Constitue esta obra um precioso manancial de argumentos anti-religiosos de grande utilidade para todos os que estudam os problemas sociais da humanidade.

O seu valor confirma-o a seguinte carta de Ernest Haeckel, publicada em fac-símile, numa das primeiras páginas do livro:

"Senhor Carlos Brandt

Puerto Cabello — Venezuela

Presado senhor:

Aceto com muitíssimo gosto a dedicatória de seu tratado — O Fanatismo Religioso — Análise crítica da Bíblia (original em castelhano) que li com imenso prazer e que aplaudo de todo coração. Depois de fazer-lhe algumas correções no estilo, procurarei conseguir-lhe um editor para a sua publicação em alemão.

Sauda-o atentamente

(a.) Ernesto Haeckel."

O autor começa o prólogo do seu livro fazendo a seguinte afirmação:

A fé é uma parasita que só floresce no campo estéril da ignorância e da indolência.

Para se sustentar este ponto de vista é preciso realmente que se possuam qualidades críticas. E o autor o consegue.

Souza Passos



A organização corporativa e a classe operaria

A ditadura salazarista, depois de seis anos de ataque sistemático à chamada política partidária, o que não evitou a sua odiosa e simultânea perseguição à classe operaria organizada, voltou-se — como afirmava "solenemente" ao país — para o problema social propriamente dito. E, num rompante digno dos mais atrevidos ignorantes em materia sociológica, proclama aos quatro ventos ter encontrado a SOLUÇÃO ADEQUADA ao desaparecimento da luta de classe — como se isso dependesse da vontade de qualquer ditador — e a fórmula de satisfazer as ardentes e justíssimas aspirações da classe trabalhadora, pulverizando, por essa forma, toda a sua ação revolucionária.

Dentro deste meaquinho critério, entrou a legislar sobre a nova estrutura da organização sindical com um despalante que toca as raízes do inconcebível, querendo obrigar — é o termo — a uma conciliação de partes absolutamente antagonicas — burguesa e proletariado.

Ora, em vez de conciliar, a ditadura agravou indubitavelmente o conflito existente e que só pôde desaparecer com a revolução triunfante do proletariado.

Pretender anular, ou sequer diminuir, a luta de classes, é patentear um profundo desconhecimento dos fenomenos sociais e das causas que os originam.

Desde que ha exploração humana, ha luta de classes, luta que se tem vindo agravando no decorrer do tempo, pelas flagrantes contradições do sistema capitalista nas suas variadas consequências — contradições e consequências previstas ha algumas dezenas de anos por profundos e verdadeiros sociólogos — e na elevação mental e revolucionária do proletariado internacional.

Querer reduzir — como pretende o salazarismo — a uma simples fórmula matemática questão tão delicada e complexa e que só por uma radical transformação da sociedade poderá solucionar-se, é de uma teimosia, estupidez e maldade obscurente.

O problema social, no estado em que se encontra, agravado evidentemente pela precipitação dos acontecimentos e pela falta de visão do capitalismo, não adormece, como querem os tiranos da ultima fornada, pelo contrario, desperta dia a dia com o contínuo desmoronar de fenomenos, cada vez mais graves para a economia mundial. A vertiginosa devalorização

industrial devida à supremacia da maquina, o estado decadente da agricultura, subjugada com auto-cantes impostos e impossibilidade de colocar os seus produtos, a situação caótica da banca e do commercio, onde se reflete fatalmente a pavorosa crise economica existente, são a eloquente prova do que afirmamos.

Portugal, país pequeno, sem reflexo na vida internacional, sendo até, na sua vida politica e economica influenciado — lamoa a esquecer determinado — pelas respectivas oscillações de além-fronteira, estando em ditadura, não podia deixar de copiar o que sobre questão social outras ditaduras fizeram. A chamada "organização corporativa" não é sino a tradução da organização sindical fascista, com pequenas alteraçoes.

Ora o proletariado não quiz e não quer aceitar tal "organização". O movimento de 18 de Janeiro (1934) foi apenas um aspecto da luta em curso. Mas esse movimento, para o qual a Confederação Geral do Trabalho trabalhou afinadamente, conseguindo fazer interessar nele milhares de trabalhadores de todo o país, foi como que a advertencia de que o proletariado continuaria lutando.

A ditadura confirma o que delixamos escrito. Pela boca de seus mais dirétoes representantes tem afirmado ser este o problema mais grave e de mais difficil solução. Os propositos que anima os ditadores tem sido contrariados a todo instante, difficuldades de toda ordem se lhes depára para levar por diante a sua ESPLINDIDA e MIRABOLANTE IDEIA!

Isto só prova que o proletariado não descansa no seu trabalho clandestino. E, firmemente unido dentro de sua Central Revolucionaria, aquela que sintetiza, na sua ação e objetivos, as aspirações do Liberdade e Emancipação que o animam, vai reconstruindo a sua organização, anulando assim qualquer possibilidade de triunfo da ditadura. Ao nosso espirito satisfaz sobremaneira o fato, que revela a força organica e a capacidade revolucionaria do principal organismo operario existente no país.

Exultemos com isso e preparemo-nos, neste forçado afastamento, com a maior soma possível de conhecimentos para a luta futura.

(Transcrito de "O Brado Libertario", órgão manuscrito dos anarquistas presos na Fortaleza, São José da Ilha Terceira).

Legião dos Amigos de "A Plebe"

Essa nova associação, fundada ainda este ano, reúne em seu seio uma pleiade de jovens proletarios, cujas corações pulsam ao ritmo ardente dos que anhelam melhores dias para a humanidade.

A Legião dos Amigos de "A Plebe" foi fundada com dupla finalidade: concorrer para a publicação do jornal que lhes empresta o nome, divulgando-o entre o povo, fazendo com que nossa folha circule nos lares proletarios, nas fabricas e nas oficinas, concorrendo com uma pequena quota mensal, sendo facultativa, a cada aderente, a retirada de seis exemplares de cada edição de "A Plebe".

A parte mais interessante e meritoria dessa novel organização, que a completa de maneira categorica, é, porém, a parte educacional.

Essa parte, sendo de ordem moral, é a mais substancial e que, esperamos, justificará, plenamente, a necessidade da existencia da Legião, pois é nas sessões que realiza com esse objetivo que os seus aderentes vão aprendendo, ensinando e exercitando-se a tratar dos problemas sociais. É uma escola, e nela, ao de boa vontade, se vão exercitando, em ambiente familiar e amigável, na exposição oral das proprias idéias ou lendo o que em casa escrevem sobre o assunto que julgam esclarecer.

Assim proseguindo, a Legião, dentro desse vasto quanto simples programa, concorrerá para que, os camaradas que têm propensão para a oratoria ou para escrever possam, pelo traquejo, adquirir as qualidades necessarias para desenvolverem a sua ação eficaz e fecunda na grande obra de propagação dos ideais de liberdade e de fraternidade entre o povo, visando a emancipação integral da humanidade.

A matança de todo um povo, uma hecatombe de velhos, de mulheres e de crianças inocentes, assassinados friamente em nome de um principio abstrato e mentiroso chamado Ordem Publica, pode proporcionar galões e honras ao que ordenar a matança.

PEDRO GORI

Que o crime seja cometido por um ou por mil, contra um ou contra milhares, o crime em si mesmo não deixa de ser crime.

J. B. ALBERDI

Comité Pró Presos Sociais

O balancete do Comité Pró Presos, publicado no passado numero de "A Plebe", mostra que as camaradas não devem esquecer-se de que este Comité não poderá atender às necessidades dos presos sociais se lhe faltar o apoio daqueles que estão integrados na luta pela emancipação humana, pois o pequeno saldo que accusava, esse mesmo já foi empregado em benefício de camaradas que precisaram deixar S. Paulo.

Ainda ha varios camaradas perseguidos, ameaçados alguns de deportação, e, colocados como estão em condições de não poderem trabalhar com ampla liberdade, nem sempre conseguem atender às suas necessidades mais urgentes.

Apelamos, pois, para o sentimento de solidariedade que caracteriza a nossa ideologia no sentido de que não cessem os recursos mais urgentes a essas camaradas vítimas da reação policial. Se alguns camaradas que devem qualquer importancia não a foram publicada, pedimos communicar ao Comité Pró Presos Sociais.

O COMITÉ



Defendamos o Sindicalismo Revolucionario

Ante o desenvolver dos grandes acontecimentos politico-economicos-sociais destes ultimos anos, determinados pela decadencia do sistema capitalista e conjugados no formidavel movimento operario revolucionario internacional, todas as correntes politicas — das mais conservadoras ás mais radicais — tem uma preocupação maxima: apoiar-se da organização sindical do proletariado, canalizando-a aos seus objetivos de mando, de autoridade e opressão.

Assim, quando apanhá se fizer a historia minuciosa dos fenomenos que abalam atualmente a sociedade burguesa e se estudar as lutas por que está passando o sindicalismo operario, teremos occasião de verificar até que ponto foi deturpada a generosa ideia nascida desde a 1.ª Internacional e ratificada no celebre Congresso de Amiens, em 1896, que deu corpo ao Sindicalismo Revolucionario.

Reconhecida no Sindicato a maior força organizada de qualquer classe, todas essas correntes se preparam para apoderar-se do mais importante reduto dos trabalhadores. O Sindicalismo tem sofrido, desta maneira, os piores tratamentos, desnaturalizando-se a essencia, desviando-se a sua linha de orientação e ofuscando-se a sua finalidade economica e social.

Deste estado de coisas resultou uma aparente posição antagonica entre a classe operaria dos diferentes países. Aqui, subjugado, momentaneamente, pelo mais feroz nacionalismo, quer este seja encarnado num Mussolini, num Hitler ou num Salazar; ali, submetida a um reformismo comprometedor de um Janhax, de um Macdonald, de um Vandervelde ou de um Prieto; acolá, de igual forma, dependente de um Estado omnipotente, castrador da mentalidade verdadeiramente revolucionaria dos seus componentes: **RUSSIA.**

Para se vencer todo esse formidavel ataque ao espirito revolucionario do sindicalismo, haverá, como diz Nothman, — "que fundir-se o socialismo e a luta presente do trabalho numa só concepção e os seus aderentes numa só organização e daí sair esta forma ideal que foi na Espanha o anarquismo coletivista da Internacional, que foi na França o sindicalismo revolucionario de 1896 aproximadamente até a guerra de 1914, e que foi na Alemanha o sindicalismo chamado anarco-sindicalismo dos seus de após guerra, até ha pouco, e que foi internacionalmente a ideia da A. I. T.

Isto para que se consigam as necessarias condições de implantação de um sistema social de liberdade e solidariedade comuns.

O que quer dizer o sindicalismo precisa reverter-se da essencia libertaria, a unica que cria no trabalhador dignidade e consciencia revolucionaria, a unica que lhe dá a noção do seu valor, independencia na sua missão e lhe proporciona um grau de preparação mental com que nenhuma outra corrente social se preocupa, pretendendo, TODAS, convertê-lo ao seu credo demagogico, subordinando-o ao seu autoritarismo.

O socialismo: "Sistema daquelas que querem transformar a sociedade pela incorporação dos meios de produção na comunidade, pelo regresso dos bens e propriedades á coletividade e pela repartição entre todos do trabalho comum e dos objetos de consumo" — não pôde ter duas interpretações: ou dele resulta, de fato, a emancipação da classe proletaria, ou tudo o mais é sofisma, habilidade e só atrazo representa a essa emancipação.

Necessario se torna pois fazer conjugar os tres principais elementos do trabalho humano: o manual, o intelectual e o técnico.

E quando isto não possa ser absolutamente realizado na sociedade capitalista, que ao sindicalismo se vão criando condições de resistencia e capacidade para que no "après" revolucionario, observemos o ambiente favoravel a esse desígnio.

O nosso esforço, a nossa vontade, a nossa ação tem de ser permanentes, atuando profundamente neste sentido.

Nunca esquecendo a característica do movimento operario, que se não compadecce nem com os desejos reformistas dos social-democratas, nem com os dos socialistas autoritarios, que pretendem — uns e outros — coartar-lhe a mais infima manifestação de individualidade, é mister criar consciencia libertaria no seio dos trabalhadores.

Não queremos automáticos, obedientes, serventuarios. Queremos homens!

A pretendida degenerescencia revolucionaria da classe operaria, a existir, não poderia ser obra nossa, mas sim dos que pretendem arrebanhá-la, ilaquê-la, ludia-la com promessas emancipadoras, pois que a Emancipação dos Trabalhadores só na sua União e Solidariedade, e sobretudo na sua Independencia Colectiva, pôde gerar-se. Só desta forma logvaremos evitar que o movimento operario se desvie para qualquer dos dois perigosos caminhos — fascista ou bolchevista — que lhe desnaturalizam a sua causa e comprometem os seus fins.

De "BRADO LIBERTARIO" Orgão manuscrito dos anarquistas presos na Ilha Terceira.

Munições para "A Plebe"

Assinaturas, contribuições e venda avulsa na redação

M. Castro, 18; Cartão do Mattias, 418; Tavoni, 58; Antonio D'A., 108; A. Barrico, 108; Aroca, 38; Germano, 18; Ermano, 28; Manoel, 68; Agullar, 28; Gonçalves, 18; uma fotografia S. Vanzetti, \$500; Almeida, 18; J. Teixeira, 58; no café, \$600; de uma "cinemada", 18; venda avulsa na rua 126\$000; venda na redação, 38200; venda de tres volumes de "Prostituciones y Sociedad", ofertados por M. Lacerda de Moura, 128; Festa, venda de tres pacotes de jornais, 78200 — Total, 2388500.

Contribuições de varias localidades

OLYMPIA: M. Gomes, 108; e A. A. F., 108; IBIRA: G. da Silva, 58 e A. Tarifa, 108; URUGUAIANA: C. Flores, 108; P. DE CALDAS: T. Roehi, 208; C. Frison, 108 e Anônimo, 58; BIRIGUI: Homens Livres, 28; SOROCABA: Prado, 48; PALMEIRAS: Zeferino, 118; Amalia, 58; Maz-zadri, 58; Arnaldo, 108 e Roberto, 38; RECIFE: Roteiro entre camaradas do Grupo de Pensadores Livres, 308; PELOTAS: Pedro B., 158; RIO PRETO: Manoel Casanova, 108; PELOTAS: P. B., 158; RIO PRETO: M. Casanova, 108; UBERABA: Castro, 58 e Minerva, 58; CONQUISTA: Varios, 58; ASSIS: Paulino B., 108000 — Total, 2208000.

NOSSO BALANCETE

Entradas	
Assinaturas, contribuições e venda avulsa na redação	2388500
Contribuições de varias localidades	2208000
Total	4588500
Despesas	
Deficit anterior	4308100
Aluguel da sede até 31-3-35	1008000
Confecção e compilação da edição de hoje	3858000
Selos para expedição e correspondencia	548300
Carretos (dois numeros)	188000
Papel e carbono para endereços	148000
Diferença de 808000 no custo das edições dos ns. 79, 80, 81, 82, 83 — não lançadas (ver e confrontar o balancete do n. 78 e os anteriores)	4008000
Total das despesas	14018400
Confronto	
Despesas	14018400
Entradas	4588500
Deficit	9429900

BRINDES DE "A PLEBE"

Conforme foi anunciado, efetuou-se no sabado, dia 2 do corrente, pela Loteria Federal, o sorteio dos brindes de "A Plebe".

Foram os seguintes, os numeros premiados:

1.º premio, n.º	641
2.º premio, n.º	064
3.º premio, n.º	500
4.º premio, n.º	859
5.º premio, n.º	655

Os camaradas que estejam de posse dos cartões com esses numeros devem escrever-nos para que tenham a respectiva remessa dos objetos.

Aos companheiros que por qualquer razão ainda não efetuaram a liquidação dos cartões, pedimos que o façam com toda a urgencia, a fim de publicarmos o balancete.

CRITICA E DOUTRINA

LIGEIRAS CONSIDERAÇÕES EM TORNO DO LIVRO. — EL SINDICALISMO EXPUÉSTO POR SOREL. — RECOPILAÇÃO E INTRODUCCION DE EDMUNDO GONZALEZ BLANCO

(Agencia Mundial de Libreria — Barcelona, 1913)

González-Blanco, em um prefacio de noventa e seis paginas, em um livro de 235, esforça-se em demonstrar a identidade de ideais do socialismo e do anarquismo, sendo o primeiro um derivado do segundo. Apoiar-se em Jean Grave, quando o escritor francês disse: "os anarquistas são os verdadeiros socialistas por serem os legítimos herdeiros do socialismo antigo". Em Faure, em Malatesta, em Mella, o qual diz: "o principio anarquico triunfa no campo socialista". Entretanto escreve que: Socialistas, anarquistas e sindicalistas, ainda que orientados por concepções completamente distintas, colaboram para o mesmo objetivo final: a abolição do Estado, eliminação da organização governamental e economica. Parecemos que se aproxima da verdadeira distincção entre as duas doutrinas Robertucci, citado pelo proprio E. González-Blanco: "Anarquia equivale á liberdade verdadeira e socialismo á verdadeira igualdade. A primeira se refere á questão politica e a segunda á questão economica". Para nós o anarquismo abrange as duas tendencias, pois que a verdadeira liberdade sómente existirá quando se conseguir a verdadeira igualdade economica; ou por outra a igualdade economica garantirá a verdadeira liberdade.

"Convém repetir a triste verdade e afirmar que a mais solemne das falsidades modernas é o socialismo. Chama-se assim e é antisocial, anticivilizador, antievolutivo e retrogrado. Proclama a propriedade para todos e a recusa aos mais laboriosos e aos mais bem dotados. Finge protestos de igualdade e de fraternidade e ignora que o individualismo mais tem trabalhado pelo povo do que ele jamais o fez. Alardeia de científico e moralizador, e propala o erro e a maldade. Pretende melhorar pelo mais alto grande numero e não considera mais do que o interesse imediato e visível das massas.

Para evidenciar as vantagens do sindicalismo, como organização social do futuro, contradiz-se, arrazando o socialismo: "Atualmente quando se fala de regime comunista, de coletivismo ou de principios socialistas verdadeiros, não se pensa já em socialismo governamental ou em comunismo autoritario que seria a substituição de um Papado universal por um Estado centralizador".

Ele cita para reforçar sua opinião

Sindicato dos Contadores

Recebemos desta organização sindical uma longa circular dirigida aos associados, em que a sua diretoria faz uma serie de considerações de caracter associativo.

Apela, principalmente, para os membros da corporação para que seja intensificada a obra de organização sindical da classe, assistindo os socios em atrazo e convocando-os a fazerem declaração á secretaria no sentido de ficarem isentos do pagamento das mensalidades atrasadas.

Diz essa circular ser o seu principal objetivo levar ao conhecimento da classe que a nova diretoria, eleita e empossada a 1.º de Fevereiro p. p., está agora empenhada em reintegrar no quadro associativo todos os socios desmissionarios.

Salienta ainda as melhorias já obtidas, bem como a fundação de um curso de Pericias e Organizações e outro de taquígrafia, gratuito para os sindicalizados, cujas aulas terão inicio em principios de Abril p. f., avisando que, para estes cursos, já se encontram abertas as matriculas na secretaria do sindicato.

A ATIVIDADE DOS ANARQUISTAS PORTUGUESES

Neste numero de "A Plebe" publicamos dois excelentes trabalhos extraídos de um jornal manuscrito — "O Brado Libertario" — órgão dos presos anarquistas portugueses, que apodrecem nas enxovias da Fortaleza Santa Cruz, na Ilha Terceira — Arquipelago dos Açores.

Impos, publicando, nos proximos numeros, outros trabalhos desse bem feito e paciente jornal, que, no esforço e a atividade dos camaradas que na Fortaleza Santa Cruz espíam o "grande" crime de pensar e aspirar ao bem estar para todos, e que não acham bom tudo quanto diz e faz o Sr. Salazar.

a notavel condenação de Ch. Malato no livro *Revolucion chretienne et revolution sociale*: "O socialismo governamental, apesar da evolução das ideias e dos costumes, e apesar das maravilhas da ciencia e da técnica modernas, reduziria as massas á passividade de rodas de grande maquina movimentada por muitos operarios, e isto equivaleria á aniquilão da iniciativa e da atividade humanas, no meio das trevas de nova idade Média... O comunismo autoritario, mésla vergonhosa de democracia e de feudalismo, é em sua mais benigna accepção, o rebanho ruminante que o pastor encaminha para a planície, para o vale e para o monte".

Para mostrar como são desencontradas as afirmativas do prefacio, citemos estas expressões:

"Os sindicalistas são anarquistas politicos, que entendem que sem Estado, e portanto sem Parlamento, ha de reger-se humana e simplesmente a vida social. Em sua tática só admitem um procedimento eficaz e certo — a ação direta e apolitica. (Pag. 44).

Em França não teve o sindicalismo o grande exito dos outros lugares, ainda fala o autor, porque se deixou invadir pelos anarquistas "aos quais (textual) pouco importa o sindicalismo, ou qualquer outra agremiação, e se limitam a utilizar a nova doutrina para conseguir a destruição da atual sociedade. (Pag. 32). Depois diz que o programa de Pelloutier, que expõe e elogia, e o programa anarquista de Kropotkine em nada diferem absolutamente. E Pelloutier expõe: "sublevados de todas as horas, partidarios da supressão da propriedade particular, eramos honiens verdadeiramente sem Deus, sem patrões e sem patria, inimigos irreconciliaveis de todo o despotismo, material e moral, individual ou coletivo, isto é, de todas as leis e de todas as ditaduras (sem exclusão da do proletariado) e amantes apaixonados do cultivo do seu proprio. (Pag. 45).

"Socialistas, anarquistas e sindicalistas colaboram, ainda que dirigidos por concepções completamente distintas pelo mesmo objetivo final: abolição do Estado, eliminação da organização governamental e politica pela organização industrial e economica, supressão da autoridade civil, destruição das classes privilegiadas e redução de todas as classes operarias, como base da mais perfeita igualdade juridica e social". (Pag. 32).

"Os assertos emitidos por socialistas e anarquistas, quando falam sensatamente, prova, ao leitor o menos avisado, ser indubitavel a afinidade de uns com os outros, afinidade defendida por Hamon: a anarquia, evidentemente, no fundo, se reduz a uma escola socialista".

E' sim, uma escola socialista que tende para uma organização do trabalho independente de força extranha, baseada no accordo mutuo; entretanto as escolas socialistas autoritarias não dispensam a força extranha para organizar a nova sociedade.

FABIO LUZ

2.º PIQUE-NIQUE DE "A PLEBE"

NO PARQUE JABAQUARA, A REALIZAR-SE NO DIA 31 DE MARÇO DE 1935

A comissão organizadora do 2.º pique-nique de "A Plebe", que deveria realizar-se no dia 17 do corrente, resolveu, para dar-lhe maior projeção e mais eficiencia, adiar a sua efetação para DOMINGO, 31 DE MARÇO, no mesmo Parque.

Os convites já distribuidos serão validos.

Os companheiros e amigos de "A Plebe" que queiram trabalhar para o exito desta iniciativa, podem procurar os convites com os militantes, bem como na redação de "A Plebe", á ladeira do Carmo, 9.

A COMISSAO

Comunicados e reuniões

LIGA OPERARIA DA CONSTRUÇÃO CIVIL

Reunião de militantes — Dia 17 - Domingo —

Tendo em vista discutir-se varios assuntos da classe, convidam-se os militantes da Construção Civil a comparecer á reunião que se realizará amanhã, domingo, ás 9 horas da manhã.

E' lamentavel que os companheiros militantes não compareçam ás nossas reuniões.

A continuar assim, teremos que abandonar a ganancia cada vez maior da que nos exploram o trabalho.

O desânimo, a indiferença, a apatia, são elementos de desagregação. E' preciso que os militantes compareçam o seu papel como orientadores da organização.

No domingo seguinte, dia 24, haverá uma assembleia geral da classe, a qual poderá comparecer socios e não socios.

A COMISSAO

UNIAO DOS TRABALHADORES DA LIGHT

Sede: Pr. Dr. João Mendes, 3 - sob.

COMPANHEIROS! Patrocinada pela VANGUARDA CONSCIENTE da U. T. L. será realizada em nossa sede social, no dia 16 do corrente, ás 20 horas, uma conferencia cientifica educativa que estará a cargo do Dr. Irabossú Rocha, o qual dissertará sob o thema: "EUGENIA e MOLESTIAS CONTAGIOSAS".

COMPANHEIROS! Devido á importancia do assunto desta CONFERENCIA, pedimos o comparecimento de todos os associados da UNIAO DOS TRABALHADORES DA LIGHT.

São Paulo, 12 de Março de 1935 A COMISSAO EXECUTIVA

DE OLIMPIA

O Sindicato que aqui fundamos, ha meses, vai progredindo bastante, pois fundou-se com 34 socios e já está com 80.

Já foi criada a biblioteca e pensa-se em fundar, brevemente, uma escola proletaria.

A. A. F.

11

Não é esta a primeira vez que venho a Bordeaux. Estive aqui há cinco anos, mas como agora de passagem. Logo, que conheço desta grande cidade e pouco menos que superficial.

Entendo ser meu dever fazer esta declaração, porque sou dos que entendo que para conhecer suficientemente um país, uma cidade, um povo, os seus costumes, as suas necessidades e as suas possibilidades, é preciso viver entre ele, com ele, no trabalho e na rua, nas suas associações, etc., durante algum tempo mais que o espaço tempo que eu permaneci na capital do departamento da Gironda.

Não obstante, pretendo conhecer Bordeaux profundamente, pelo menos do ponto de vista sindical e revolucionário, é menos que pretender conhecer Moscovia e Leningrado, quando ali se vai por conta do governo russo. É justo reconhecer que ainda neste particular eu sou extremamente modesto — principalmente tendo em conta o alarde que das suas visitas a Rússia bolchevista fazem os estrangeiros aderentes à IIIª Internacional, (como Ast. Pereira, por exemplo, em 1923), que, depois de umas visitas oficialmente organizadas, vem contar-nos mirabolantes coisas da "mãe Rússia", da "Rússia nova", da "Rússia soviética", mas sem a menor referência à Rússia martirizada, aos sacrificados da Ucrânia ou ao heroico martirio dos revolucionários de Kronstadt!

Estes embagés vem para justificar o que tenho a dizer dos bolchevistas de Bordeaux — que são os mesmos de toda a parte e utilizam os mesmos processos, recorrem aos mesmíssimos métodos de que se servem os dos demais países, o Brasil inclusive, quando se trata de fazer crer que a sua organização política e sindical não cessa de aumentar, não deixa de fazer progressos...

Quando da minha permanência em Paris, durante 1928-1931, pude acompanhar regularmente, a par e passo, a propaganda e todo o movimento do Partido Comunista e da C. G. T. Unificada. Em realidade, a sua força já não era nada comparável com a que possuíam em 1924-27. "L'Humanité", o órgão central do Partido Comunista, disse-o claramente. Como o órgão da C. G. T. U., "Vie Ouvrière".

Maurice Thorez e Monmousseau, Giron e Jacques Duclos, querendo mostrar que entre eles a auto-crítica, a crítica feita por eles próprios, às suas organizações e aos seus atos, não tinha porque esconder de si mesmos nem porque servir-se de subterfúgios, disseram ao seu redor que os efectivos comunistas haviam diminuído sensivelmente a partir de 28 e que isso era devido em grande parte à facilidade seguida por muitos militantes do Partido, tanto nas células como nos sindicatos.

Sobretudo nas vésperas dos congressos confederais de 1931, sob o pretexto de que fazia falta ativar a propaganda unitária, os dirigentes comunistas da C. G. T. U. se viram obrigados a confessar muitas das suas faltas.

Fizem-no por tática. Por cálculo, bem sei. Como fazem tudo. Supunham que isso lhes granjaria maior simpatia. Mas Doumoulin, Chambland e Monitte, como todo o "Grupo dos 22", estavam de abalo e provocaram o "aborto".

E de então para cá, foi a debacle! A falência do "Banco Operário e Camponês" não foi estranha ao fracasso comunista. Apenas 3 milhões de francos absorvidos por "L'Humanité" nos ajudados protestos da massa operária, do proletariado comunista — socialista de Paris e arredores, foram o ruído fracasso dos bolchevistas e da sua obra "revolucionária".

Depois, reconhecendo a sua má estrela, sentindo talvez a sua incapacidade proselitista e administrativa, buscarem em algo todos os recursos que lhes dispunham para tentarem realizações novas. E criaram Comités, à direita e à esquerda "Contra o fascismo", "A favor da liberdade" de Thaelmann, "Pro unidade sindical", "Contra o terror em Espanha", etc., etc.

E tem sido esta, nestes últimos três anos, a atividade ativa dos comunistas franceses, dos homens "atitados" da Seção Francesa da Internacional Comunista.

De convenio em convento, de continuo em conluio, de conchavo em conchavo, temo-los hoje unidos, em "frente de luta" com os republicanos e socialistas de varias tendencias "puros", "radicais", "ortodoxos", "marxistas"... Com todos, menos com os que se mantêm, apesar de tudo, na brecha, lutando contra o capitalismo, contra o Estado, contra a dominação de todos os partidos, contra todos os fascismos!

Em Bordeaux, portanto, não podia deixar de reflectir-se aquela incapacidade, aquele desatino, aquele continuo fracasso das táticas bolchevistas. E por isso não existe organização pratica, organização de fato, isso que eles mesmos costumam chamar "organização de massas", "organização de base".

Em vão Rabaté me afirmava, em Madrid, que a organização comunista era, em Bordeaux, a mais forte. Quando ali cheguei e busquei intervir-me, estava longe de me ver cara a cara com tão triste realidade.

Em Bordeaux, como em Toulouse, são também os socialistas quem tem em suas mãos a maior parte dos trabalhadores organizados.

Otávio Rabaté, disse-me Aristides Lapeyre, é um funcionário sindical, a quem pagam para viajar de lado para lado, em representação permanente de uma organização que não existe!

— Podes crer que não exagero. Tu mesmo me dizes que o conheste em Madrid.

— É verdade, confiro. Conhecemo-nos na Modelo, depois dos acontecimentos de outubro.

— Pois bem. Dois meses levou-me em Espanha. Quando regressou, foi a Paris, para ser "mostrado" em dois ou tres meetings. Veiu a Bordeaux, demorou-se aqui dois ou tres dias e regressou a Paris. Como podes ver em "L'Humanité", ali está ele, na Sala Japy, a falar aos chômeurs da Região Parisiense... E assim passa o nosso amigo Rabaté — como todos os dirigentes moscovitários — o precioso tempo.

Mostrei a minha estranheza, de que os trabalhadores da Região permitam que Rabaté se mantenha tanto tempo ausente das suas funções de secretário, estando pago por eles. Mas fui então esclarecido:

— Otávio Rabaté está sendo pago pela Central Unitária. É a C. A. da C. G. T. U. que ele se deve... Foi ele proprio quem exigiu que fosse a C. G. T. U. ou o Partido quem lhe pagasse, já que a cotização regional não dava para cobrir os seus vencimentos e as suas viagens.

Que o congresso onde foi apresentado a questão não aceitasse a proposição da Regional bordeaux e o amigo Rabaté se teria demittido irrevogavelmente.

Pode haver coisa mais eloquente?

A esta degradante situação está reduzida a classe trabalhadora, em França! A tanto chegou depois de haver abandonado a Jomax, na selva C. G. T. U. de Moscovia, que lhe prometeram a realização imediata da unidade sindical e a implantação de uma ditadura proletária!

M. de Costa

A PLEBE

S. PAULO, 16 de Março de 1935

Cobrança de "A PLEBE" em Santos

Acha-se em Santos, efetuando a cobrança de "A Plebe", o nosso companheiro José Malhada.

Pedimos a todos os camaradas que naquela cidade recebem o jornal e que se interessam pela sua publicação, bem como a todos os que estão em atraso com as suas assinaturas, evitem despesas inúteis ao nosso companheiro, facilitando-lhe o trabalho e não concorrendo para a perda de tempo.

Expulso do país

A polícia do Rio, depois de usar e abusar de toda sorte de violências legais e extra legais, conseguiu, por fim, consumir o seu espirito de vingança, o seu ato de cólera e de prepotência, expulsando do país o nosso camarada Tomaz Willan, mais conhecido pelo nome de Pierre.

Este companheiro foi preso em fins de agosto ultimo e esteve encarcerado na Detenção do Rio, ilegalmente, até meados de Setembro, quando foi posto em liberdade mediante um "habeas corpus" que lhe foi concedido pelo Tribunal de Justiça, por estar preso ilegalmente, mas sem prejuizo da ordem de expulsão.

O camarada Pierre, na sua boa fé, não quiz dar maior importância à insidia que constituiu a condicional expressa na ordem de "habeas corpus" e demorou-se ficar muito tranquilamente no Rio, cuidando de sua vida, trabalhando na sua profissão. Mas os mastins da policia carioca prometeram vingar-se contra o rebelde, e no dia 13 de fevereiro, lhes deitaram as mãos e o trancaram novamente nos xadrezes da Policia Central até que, no dia 27 de fevereiro, o embarcaram a bordo do "Siqueira Campos" rumo à Europa.

Ao camarada Pierre, em caminho do exilio, enviamos as nossas saudações e protestos de solidariedade.

De bordo do "Siqueira Campos", recebemos, com data de 5-3-35, do camarada Torquato, as seguintes linhas, que bem caracterizam a tempera do batalhador indomável da liberdade:

"Aos camaradas e amigos do povo oprimido do Brasil"

Ao deixar a costa magnima deste país, expulso por ser anarquista, envio a todos uma saudação fraternal, conciliando-vos a que não desaniméis na luta empenhada contra o clero, o capitalismo e o Estado, assim como a que prosigais na propaganda pela organização de uma Sociedade sem amos e sem escravos, sem governo e sem governados, por uma Sociedade na qual não venha a faltar o conforto necessario para a felicidade de todos os seres humanos. O homem de sentimentos livres não pode viver em boa paz, enquanto houver, ao seu redor, milhões de famintos.

A mim, pessoalmente, nada me faltava; mas, sentindo as dores dos meus semelhantes, e vendo as liberdades sufocadas, sempre lutei pelo ideal anarquista, pois o bem estar pessoal do individuo não resolve o problema.

Por isso continuarei lutando pela emancipação de todos os famintos, de todos os oprimidos.

Saude e Revolução Social

Torquato Villano.

VIOLENCIAS POLICIAIS

Em Pedregulho, E. S. Paulo, arrebam de prender dois jovens pelo facto unicamente de alimentarem ideias socialistas.

Ainda ontem, para S. Paulo, acompanhando de dois "esbirros", seguiu o sr. Olivo, ex-prefeito e ex-delegado, como incursa na "Lei de Segurança" em discussao na Camara!

A Delegacia de "Ordem Social" está antecipando os factos. Pedregulho, 6-3-35. Coman.

Um manifesto que caracteriza uma ideia

C. N. T. — A. I. T.

A NOSSA POSIÇÃO E O MOMENTO ATUAL

Nada de esporalismo, nada de intemperancia. A nossa posição, a posição do Comité da organização catalã vamos fixa-la imediatamente, publicamente, para que a nossa atuação futura, a partir deste momento, não tenha interpretações torcidas e interessadas. Em principios e taticas estamos onde estávamos.

A Confederação Nacional do Trabalho, genuina representação do proletariado conciente, tem em perspectiva dias de expansão imensa, em que o proletariado espanhol poderá plasmar as aspirações de justiça que desde ha tempo procura realizar.

Não fazemos antecias com a revolução.

Desta vez, da forma que vemos deslizar os acontecimentos, os genios mais impulsivos que figuramos nos anteriores movimentos, vamos ver-nos surpreendidos. Não nos oporemos a nenhuma acção subversiva de povo que tenha por objetivo o debilitamento do Estado. Pelo menos não lhe faltará o nosso assentimento e admiração.

E se alguma participação directa ou indirecta tivermos, seria para imprimir a essência anarquista, para a inutilização completa do Estado e para que o povo se organizasse com uma vida base de justiça.

Por concessões mínimas e transitórias não modificaremos a essência da C. N. T. nem mancharemos o seu passado glorioso.

Se é certo, como assim parece, que da conduta anti-social dos que hão passado pelo poder se avizinha outro 14 de Abril, obremos de acordo com as nossas forças e postulados, independentes de tudo o que não tenha uma convergencia completa com o fim que almejamos.

Mais do que nunca, rechassamos a intervenção eleitoral por considerá-la injusta e perniciosa.

E se eleições chega a haver, apesar do quociente formidável com que, segundo os politicos, a Confederação poderia jogar, por onde quer que nos encontremos, nós limitaremos a aconselhar a abstenção.

Os quatro anos que vão de parlamentarismo, desde que se implantou a Republica e com a intervenção dos socialistas, que neutros tempos nos chamavam seus parentes politicos, com agasalhos e promessas, enriqueceram a nossa experiencia e as nossas concepções.

Que não haja hesitações nem rumores intencionados sobre a posição que vamos tomar em tempo de eleições ou quando as não haja.

Orde quer que se estabeleçam preceitos doutrinaricos, cultivando e abonando o germe de futuras tiranias, levantaremos bandeira de rebelião com todas as consequências. Egre Prieto, Stalin, Lerroux e Gil Robles não estabelecemos nenhuma diferença.

Temos do povo foram uns e tiranos continuam sendo os outros. Queremos as reivindicações de ma-

neira que não possam ser limitadas, que o povo as distinte integralmente. Quais são as que os governos por si proporcionaram, até hoje, para aliviar as muitas necessidades da classe trabalhadora? Nenhuma.

Os governos, os partidos politicos que alguma força e apoio tem alcançado, não alcançaram jamais senão os defende o capitalismo e em benefício da burguesia. Para confirmar a nossa tese, poderíamos argumentar com detalhes, incontáveis, coisa que não queremos fazer neste momento. Não se originou o conflito dos Transportes quando, no poder estavam os politicos da "Esquerda"?

Não aconteceu o mesmo com os trabalhadores do ramo de minas? Não houve com o conflito de luz e força, e particularmente com o dos camponeses, uma solução sistema frente unica?

Como tudo isto é de domínio publico, não queremos fazer nenhum comentário.

O que dizemos, isso, sim, é que nós, a Confederação Nacional do Trabalho, não toleraremos passivamente a situação angustiosa e caótica que um governo inepto e uma burguesia perversa crearam para o povo espanhol. Si os movimentos de janeiro nos produziram algumas feridas, estamos já completamente restabelecidos.

Infinidade de companheiros que ate o presente haviam permanecido no ostracismo, solitament relacionar-se para intensificar os principios da C. N. T. Disso nos alegramos ao ver que nos estendem a mão fraterna para uma colaboração eficiente, para acabar com tudo o que obstaculiza a mamunicação integral da classe trabalhadora.

Queremos com serenidade e conciencia.

Não iremos onde o governo nos queira levar, mas, ao contrario, o levaremos a ele até onde melhor nos pareça para dar-lhe combate.

É obvio para todos os espanhols, que quando a bancarrota do Estado sofrer nova oscillação, aparecendo mais visivelmente novos valores hão de surgir imediatamente para organizar a economia e demais problemas, com o objetivo de torna-los patrimonio social.

E até não se conseguirem realizar esse objetivo não cessaremos.

O nosso genio indomável, que perenemente se concentra com economia para realizações de prosperidade social, agora mais do que nunca se predispõe a atingir a meta das suas aspirações.

Venham, pois, todos os que participam destes sentimentos e que julgam necessaria a transformação social, colaborar nesta luta pela justiça.

A C. N. T. abre os braços a todos os trabalhadores, a todos os explorados, a todos os sedentos de justiça e de liberdade.

Comité Regional da Catalunha

DO NORTE REBELDE

EM RECIFE — Pernambuco

GREVE GERAL DE PROTESTO CONTRA A LEI MONSTRO

O proletariado da cidade pernambucana, como o de todo o país, tem protestado e protesta sempre contra todos os arreganhos reaccionarios da burguesia que visam impedir no Brasil os genuinissimos processos da conquista para subjuagar o proletariado ao imo da "cravidação economica e amortecida" o pensamento dos homens livres.

A União Geral da Confederação Civil, bastante das reivindicações proletarias de Recife, publicou em 7-2-35, um boletim do qual respingamos alguns trechos para documentação do que afirmamos.

Compreendendo que não é o primeiro de telegramas e protestos pela imprensa que se enviou a Le. Monstro, a União Geral da Confederação Civil deliberou lançar um protesto noturno, com uma greve de 24 horas, que deveria ter inicio na proxima noite, ás 11 da noite, desde a 1 hora da manhã a noiva hora de madrugada.

Reconhecendo que a libania do seculo e ja na covardia do seculo, esta União conta na solidariedade da classe e em todos os que aspiram à liberdade.

E no dia 11, a greve era total em toda Recife, pois para não haver uma greve conjunta de todas as organizações pugnantes houve, desorganizado, como todos os trabalhadores da Confederação Civil que firmo trancaram uma greve unica bastante vigorosa.

Compreendendo que não é o primeiro de telegramas e protestos pela imprensa que se enviou a Le. Monstro, a União Geral da Confederação Civil deliberou lançar um protesto noturno, com uma greve de 24 horas, que deveria ter inicio na proxima noite, ás 11 da noite, desde a 1 hora da manhã a noiva hora de madrugada.

Compreendendo que não é o primeiro de telegramas e protestos pela imprensa que se enviou a Le. Monstro, a União Geral da Confederação Civil deliberou lançar um protesto noturno, com uma greve de 24 horas, que deveria ter inicio na proxima noite, ás 11 da noite, desde a 1 hora da manhã a noiva hora de madrugada.